
MATTOS, Ivanilde (Ivy) Guedes. **Estética afirmativa**: corpo negro e educação física. Salvador: EDUNEB, 2009.

O livro “Estética Afirmativa: Corpo Negro e Educação Física” revela a inquietude de uma professora negra de Educação Física diante de uma disciplina escolar que, embora esteja presente nas matrizes curriculares dos diferentes níveis e modalidades de ensino, atendendo a uma diversidade de sujeitos, ignora as especificidades dos corpos desses indivíduos, invisibilizando seus contornos, dinâmicas e *performances* que refletem marcas socioculturais historicamente construídas.

Com objetivo de compreender o papel da Educação Física escolar para identificação corporal dos jovens adolescentes negros de escolas públicas da cidade do Salvador, Ivy Mattos aventura-se por um percurso teórico austero e minucioso, que implicou numa busca por referenciais outros (escola, corpo, raça, juventude, cultura e sociedade), encontrados em diferentes campos do conhecimento, e, ao mesmo tempo, metodologicamente lúdico na medida em que sua forma de fazer pesquisa permitiu o contato, a troca entre a pesquisadora e a “rapaziada”.

Para dar conta dessa pesquisa de mestrado, cuja autenticidade do objeto, construção teórica e recorte dado pela autora caberia numa tese, Ivy Mattos inicia sua caminhada elaborando um breve histórico da Educação Física, recuperando seus princípios e comprometimento com a higienização dos corpos a partir do século XIX. Revela o quanto os discursos higienistas presentes no contexto da escravidão ainda são estruturantes das formas de racismo e dominação sobre os corpos negros na atualidade.

Por se tratarem de corpos jovens de adolescentes negros cujas trajetórias até então vividas podem subverter quaisquer enquadramentos etários e biológicos, a autora dedica parte de seus estudos à compreensão da condição de ser um jovem adolescente negro. Ao buscar o conhecimento dos desejos e expectativas desses sujeitos, depara-se com a reprodução de algumas representações sociais construídas sobre seus corpos negros que parecem revelar, através do discurso, a incorporação de estereótipos.

A análise cautelosa dos dados empíricos coletados entre estudantes de cinco grandes escolas estaduais da rede pública de Salvador, apresentada pela autora, revela as representações e identificações corporais desses sujeitos (autoimagem), bem como a importância da educação física para uma identificação corporal positiva.

Partindo da percepção desses jovens adolescentes negros, Ivy Mattos identifica os atributos de beleza que compõem o ideal de beleza masculino e feminino valorizado e perseguido por esses sujeitos. Através desses dados foi possível identificar, além dos estereótipos incorporados pelos jovens adolescentes negros, os estereótipos rejeitados por eles, o que subverte e contesta uma suposta passividade e anomia atribuídas como características inerentes a esse grupo.

Dentre os dados analisados pela autora destaca-se a identificação da cor negra e parda como um atributo de beleza sinalizado por mais de 65% dos estudantes consultados. Em termos de ideal de beleza, a cor branca não aparece como destaque entre os atributos definidos como harmoniosos. Trata-se de um dado genuinamente significativo e revelador da importância de um estudo como esse para compreensão das relações raciais na sociedade brasileira hoje.

Entretanto, a propriedade e prudência, próprias de uma pesquisadora das relações raciais, não permite que a autora se deixe seduzir por interpretações entusiasmadas e emocionais que poderiam reduzir a riqueza de significados inerentes aos dados da pesquisa.

Além da perspectiva dos estudantes, Ivy Mattos recorre aos professores de educação física com o objetivo de identificar as representações corporais que alicerçam a prática pedagógica desses profissionais. Ao analisar as concepções pedagógicas inerentes ao trato corporal que constitui sua prática docente, a autora constata a negação do corpo negro na educação física escolar.

Embora essa constatação pareça deflagrar a falência da educação física como disciplina escolar capaz de contemplar a diversidade e dinâmica da corporeidade negra que se faz presente na escola, apesar das tentativas de enquadramento e docilização desses corpos, ela ratifica a necessidade de repensar o currículo da Educação Física na Educação Básica, bem como a formação de docentes e profissionais que estejam comprometidos com a educação das relações etnicorraciais.

Enfim, as recomposições estéticas elaboradas por esses jovens adolescentes negros, mediante trocas e fusões entre diferentes estilos e representações imagéticas; integração de características atribuídas à branquitude e à negritude, sem as hierarquias essencializadas, numa atitude de descolonização de um padrão estético, são identificadas pela autora como reflexos de uma estética híbrida e afirmativa da diversidade e da diferença, que devem ser encaradas como uma atitude desejável para a vida numa sociedade plural como a nossa.

Patrícia Pena

Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Membro fundadora do Grupo de Pesquisa Firmina: Pós-colonialidade, Educação, História e Ações Afirmativas. Professora de Pesquisa e Prática Pedagógica dos cursos de licenciatura em Geografia e Biologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Santa Inês.
patriciafirmina@gmail.com